

O Apostolado do exemplo

É um fato evidente a paganização, prevalente em nossos tempos, das relações sociais, políticas, trabalhistas e esportivas... Não são muitos os católicos que dão testemunho da fé cristã nos ambientes nos quais desenvolvem a própria vida. O apostolado é um dever sacro: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho”, continua dizendo Cristo. E é urgente que todos “permitamos a Deus de nos conduzir para além de nós mesmos para que cheguemos ao nosso ser mais verdadeiro” (*Evangelii gaudium*, n. 8).

Hoje como nunca, talvez, é necessário o apostolado do bom exemplo, do testemunho cristão. Sim, a alma de todo apostolado é a oração, mas temos o dever de ser “pescadores de homens” em todos os meios possíveis. E um meio possível a todos, absolutamente todos – e obrigatório por dever de coerência –, é mesmo o apostolado do exemplo.

O testemunho da Bíblia

Os grandes personagens da história têm sempre estimado o valor do testemunho e do bom exemplo nas relações humanas. Já dizia Pitágoras: “Dê vida a bons exemplos: ficarás isento de escrever boas regras”.

Mas é sobretudo na Bíblia onde se encontram muitos exemplos sobre o valor do testemunho e do bom exemplo na vida dos crentes. Lembremos, como amostra, o relato do idoso Eleazar, no segundo livro dos Macabeus, que, além de ser visto como exemplo emblemático e universal daquilo que implica a fidelidade à própria fé, ensina ao mesmo tempo a responsabilidade com a qual deve agir quem tem alguma autoridade diante de outrem.

Eleazar, “um dos escribas mais estimados, digno no aspecto e já de idade avançada”, estava sendo constrangido a transgredir a Lei, ou a fingir obedecê-la para fugir da morte; ele, “preferindo uma morte gloriosa a uma vida na ignomínia”, recusou ceder à proposta: “Dado que não é absolutamente digno na nossa idade fingir, correndo o perigo que muitos jovens, pensando que aos noventa anos Eleazar tivesse passado aos usos estrangeiros, por sua vez, por culpa do meu fingimento, por apenas um pouco mais de vida, se percam por minha causa e eu assim caia em desonra e manche minha velhice... Por isso abandonando ora como homem forte esta vida, me mostrarei digno de minha idade e deixarei aos jovens um nobre exemplo, para que saibam enfrentar a morte prontamente e nobremente pelas santas e veneráveis leis (cfr. 2Mc 6,18-31).

No Novo Testamento consta com clareza que o exemplo deve ser a expressão de uma vida cristã verdadeiramente vivida e, portanto, da condição de filhos de Deus recebida no Batismo pela graça do Espírito Santo. Toda a vida de Cristo, suas palavras e suas obras, é uma revelação do Pai, a ponto de poder afirmar: “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

No Evangelho de João lemos que, no início da missão de Jesus, após o testemunho do Batista, dois discípulos o seguiam. À pergunta “Rabí, onde moras? ”, isto é, como vives, qual é teu estilo de vida?, Jesus responde: “Vinde e vereis”. Eles foram e “permaneceram com ele” (cfr. Jo 1,35-40). Mais adiante, quando Natanael duvida que de Nazaré possa vir algo de bom, Felipe lhe responde: “Vem e vê” (cfr. Jo 1,43-51).

Quando João Batista ainda estava na prisão, mandou mensageiros para que perguntassem a Jesus se era ele o Messias ou deviam esperar um outro. A resposta foi: “Ide e referi a João aquilo que ouvís e vedes” (cfr. Mt 11,2-4).

Jesus Cristo até no momento culminante de seu ensino fez referência à força do exemplo: “Deivos um exemplo, para que também vós façais como eu vos fiz” (Jo 13,15). Ele é o grande modelo que o Pai nos deu e quer que todos os discípulos se tornem conformes a esse modelo divino (Rm 8,29). Portanto, todo apóstolo deve imitar Jesus Cristo que passou fazendo o bem a todos (cfr At 10,38).

Se antes eram as obras feitas por Jesus a dar dele testemunho, ele mesmo anuncia que após sua Ascensão será o Espírito Santo que dará testemunho ao Pai e ao Filho, e que também os discípulos darão testemunho: “Quando vier o Paráclito que vos mandarei do Pai, o Espírito da verdade que procede do Pai, ele dará testemunho de mim; e também vós me dareis testemunho” (Jo 15,26-27).

São Paulo, por parte sua, adverte: “Fazei tudo sem murmuração e contendas, a fim de serdes irrepreensíveis e libados, filhos de Deus imaculados em meio a uma geração tortuosa e desviada, na qual vós brilhais como astros no universo” (Fl 2,14-15). E a seus discípulos Timóteo e Tito recomenda: “Mostra-te modelo aos fiéis na palavra, na conduta, na caridade, na fé, na castidade” (1Tm 4,12; cfr. Tt 2,7). E ele mesmo convida aos fiéis: “Ponde em prática aquilo que aprendestes, recebido, ouvido e visto em mim” (Fl 4,9); “Tornai-vos meus imitadores como eu sou de Cristo” (1Cor 11,1).

E são Pedro admoesta: “A vossa conduta em meio aos pagãos seja boa, de modo que, enquanto eles falam mal de vós como malfeitores, ao observar atentamente glorifiquem a Deus em virtude de vossas boas obras, no dia de sua visita” (1Pd 2,11-12).

Testemunho e bom exemplo na vida da Igreja

Todos os Padres e os grandes santos da Igreja foram testemunhas e promotores do apostolado do exemplo. “Pregamos com o exemplo e persuadimos com nossas palavras” – dizia santo Atanásio –. E santo Agostinho afirmava: “As palavras ensinam, os exemplos arrastam. Somente os fatos dão credibilidade às palavras”. Santo Inácio de Antioquia, por sua parte dizia: “Educa-se muito com aquilo que se diz, ainda mais com aquilo que se faz, mas muito mais com aquilo que se é”. E são Gregório Magno: “Ensina-se com autoridade quando se prega com o exemplo; porque não se tem confiança naquele cujas ações contradizem suas palavras. A vida das pessoas piedosas deve ser útil não só a si mesmas, mas também aos outros; de modo que aquilo que não se obtém com as palavras, obtém-se com os exemplos”.

São João Crisóstomo exorta ainda os cristãos a iluminar e brilharem como astros na noite do século: “Devemos ter vida irrepreensível, para que os homens que nos observam encontrem em nós um espelho de santidade. Não haveria necessidade de palavras, se a santidade brilhasse em nossa vida”.

“As conversas e a vida do cristão – diz ainda são Jerônimo – deveriam ser tais que conseguissem em todo seu movimento, todo seu passo e toda sua ação que não se respirasse outra coisa senão a graça do céu”. E santo Ambrósio escreve que são Paulo adverte aos cristãos e ordena que eles se lembrem de sua profissão e correspondam a ela, para que, em meio a incrédulos sirvam de modelos com própria vida, linguagem e costumes, e resplandeçam como o sol e a lua entre as estrelas.

O testemunho de alegria de são Francisco de Assis converteu muitos pecadores e despertou muitas vocações. Refere a história franciscana que um dia são Francisco se dirigiu a um de seus frades e lhe disse: “Vamos para a pregação”. Percorreram as estradas, sem nunca parar em parte alguma. Francisco não disse uma só palavra. Quando chegaram em casa, o frade perguntou timidamente: “Padre, você esqueceu?”. “Esqueci de que coisa?”, perguntou Francisco. “Você disse que teríamos feito pregação”, respondeu o frade. Então Francisco acrescentou: “Já pregamos”. De fato, a atitude

humilde, modesta, cheia de amor de Francisco era uma pregação eloquente até sem proferir uma palavra. Sem necessidade de falar, ele acendia nos outros o desejo de ser como ele, isto é, verdadeiros discípulos de Cristo.

São Francisco de Sales dizia: “Um grama de bom exemplo vale mais do que cem quilos de palavras”. E São João Bosco: “Lembre-se de que o cristão tem a obrigação de ajudar os outros, e que não há pregação mais eficaz do que a do bom exemplo. Jesus ‘passou fazendo bem’ (cfr. At 10,38)”.

Também os Papas insistiram frequentemente sobre essa realidade. Bastem como exemplo as palavras de São Paulo VI, dia 14 de dezembro de 1966, com as quais encorajava os fiéis ao “vivo testemunho de Cristo com a fé e a caridade: “A fé do cristão deve não só crescer, mas se manifestar; deve-se estudar para que ela se torne exemplar, comunicativa, documentada por aquela expressão que hoje chamamos justamente de testemunho”. E continuava esclarecendo que “a vida verdadeiramente cristã, é o primeiro e principal testemunho que o cristão, renovado pelo Concílio, deve dar com maior consciência e mais decidida vontade”.

Pouco depois assegurava: “Um cristão deve ser visto como tal, antes mesmo de ouvi-lo, pelo seu teor de vida. Esse apostolado tranquilo e conatural, o apostolado do exemplo, é acessível a todos, é um dever para todos, e hoje é mais do que nunca necessário. É preciso pregar em silêncio com a simplicidade e com o esplendor da própria conduta”.

Relembrando além disso que não basta a fé sem as boas obras para ser salvos, citava as palavras de Jesus: “Quem age segundo a verdade se aproxima da luz” (Jo 3,21). E concluía afirmando que isso nos diz que “devemos dar hoje consciência e energia maiores à retidão moral de nossa vida, um tom, um timbre cristão correspondente à nossa fé; esse é o testemunho que a Igreja espera de nós, essa apologia de Cristo, talvez a mais convincente, que o mundo hoje em dia possa escutar” (cfr. Audiência geral, 14 de dezembro de 1966).

E em 1974 afirmava ainda Paulo VI: “O homem contemporâneo gosta mais de escutar as testemunhas do que os mestres, ou, se escuta os mestres. é porque são testemunhas” (*Discurso aos membros do “Consilium de Laicis” – 02.10.1974*).

É a relação e a união com Cristo que deveriam informar a vida do cristão; que conduzem, portanto, à imitação. A transformação em Cristo, que é fruto da ação da graça, não só respeita, mas dá também esplendor à própria personalidade, na qual transparece o amor que é Deus mesmo. Sabemos quanto insistiu nisso o Fundador da Família Paulina!

A imitação de Cristo traduz-se, para o cristão, no exercício das virtudes humanas e sobrenaturais na vida ordinária. Papa Francisco afirma que “todos somos chamados a oferecer aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que, para além de nossas imperfeições, nos oferece sua proximidade, sua Palavra, sua força, e dá sentido à nossa vida” (*Evangelii gaudium*, n. 121).

O pensamento do bem-aventurado Tiago Alberione

Padre Tiago Alberione falava com frequência do apostolado do bom exemplo; também várias orações transmitem essa preocupação. Fala desse tema já na segunda parte (pp. 94-100) do volume *A mulher associada ao zelo sacerdotal*.

Conclusões

É incrível o influxo que pode exercer o exemplo, bom ou mau que seja. Ainda mais o mau, especialmente quando vem da parte de pessoas responsáveis na comunidade cristã: pais, professores, responsáveis, sacerdotes... “Na cátedra de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus. Fazei e observai aquilo que vos dizem, mas não aquilo que fazem” (Mt 23,2-3). É triste o caso de pessoas que têm a tarefa de ensinar e guiar ao bem... e são, pelo contrário, semeadores de cizânia com palavras, com o ensino, com as redes sociais... e sobretudo com o próprio comportamento.

Os cristãos devem ser luz do mundo e sal da terra, e não somente com a palavra quanto com a atitude da própria vida e a influência dos bons exemplos. O cristão é chamado a manifestar com a própria vida a vida de Cristo, ao qual está unido. A ação de Cristo e do Espírito Santo leva a imitação de Cristo, no qual se encontra a exemplaridade do cristão. Não todos podem ter o dom do talento, a ciência, a eloquência, mas todos têm o dever de uma vida exemplar.

Um fato importante a ser lembrado: as palavras e os exemplos que partem de um coração unido a Deus pela oração: o fruto do bem será muito maior, e o exemplo é mais importante que as palavras. B. Martín Sánchez, no livro *El buen ejemplo. El mejor predicador*, apresenta uma anedota, contada por mons. Tihámer Tóth, muito significativa nesse sentido: Um sacerdote jovem e zelante foi designado para cuidar de um vilarejo na Terra Santa. Com fervor preparou-se para o primeiro sermão; encheu-o de pensamentos elevados e de belas citações. Parecia-lhe ter pronunciado um magnífico sermão.

Após a Missa aproxima-se um árabe distinto e lhe pede de admiti-lo à Igreja. O sacerdote jovem fica fora de si pela alegria. E não pode deixar de pergunta ao homem: “Poderia fazer o favor de dizer-me de qual parte da celebração ou do sermão gostou tanto a ponto de lhe inspirar essa decisão? O árabe, claramente confuso, respondeu: Bem... verdadeiramente... não ouvi muito seu sermão; viajei a noite inteira e por isso dormi na maior parte da celebração. Não é a pregação aquilo que me atrai à Igreja, mas é o meu motorista. Ele é cristão. Inicialmente eu ria dele por causa da religião; agora, porém, quero ser como ele”.

O cristão que vive a vida de Deus, isto é a vida da graça que lhe foi comunicada, testemunha, pela imitação de Cristo, a imagem do Pai. Jesus Cristo é o caminho que todo cristão deve percorrer para chegar ao Pai e sentir-se verdadeiramente filho de Deus. A encarnação do Verbo torna possível esse caminho de filiação. Seguir e identificar-se com Cristo leva à divinização da própria vida, que se torna testemunho diante dos outros.

É claro que se deve distinguir o bom exemplo da ostentação, típica dos fariseus, condenada fortemente e muitas vezes por Jesus: “Cuidai para não praticar vossa justiça diante dos homens para ser admirado por eles...” (cfr. Mt 6,1-18). A referência de nossas boas ações, portanto, não pode se fechar em nós mesmos, mas deve ir sempre para Deus. Por isso Jesus diz: “Brilhe assim vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e deem glória ao vosso Pai que está nos céus! (Mt 5,16), refletindo sobre as obras boas que observam (cfr 1Pd 2,12).

O apostolado o exemplo assume a forma de um “convite”, de uma “sugestão”. O cristão apresenta aos outros a própria vida como um convite a acompanhá-lo no seguimento de Cristo. É, portanto, algo de absolutamente distante da imposição. A única “constricção” que Jesus exercitou em sua passagem pela terra foi aquela do amor. É o amor de Deus pelo homem que por fim atrai o homem a Deus.

A raiz do bom exemplo é a coerência de vida. O cristão deve falar por aquilo que pratica e pôr em prática aquilo de que fala; e quer aquilo que pratica, quer aquilo que fala devem responder à sua identificação com Cristo. É esta a verdadeira conduta exemplar: a transparência e autenticidade da

vida cristã. Essa coerência de vida não implica a ausência de erros ou culpas, quando há uma luta para corrigir constantemente a rota.

Tal testemunho, coerente em todo momento e em todas as situações, é aquilo de que o mundo precisa para manter viva a esperança na possibilidade de uma existência mais em sintonia com o essencial da humanidade.

Pe. José Antonio Pérez, ssp